



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Chaves Soares
Edmar Reis Thiengo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes e resistentes / Organizadores Marcelo Chaves Soares, Edmar Reis Thiengo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0754-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546220111>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Soares, Marcelo Chaves (Organizador). II. Thiengo, Edmar Reis (Organizador). III. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Mais do que uma apresentação, este é um convite para juntos caminharmos pelas veredas que os gêneros e as sexualidades nos proporcionam. As veredas de dissidência e resistência são caminhos que querem desvelar desigualdades, transgredir a norma e subverter a cisheteronormatividade.

Este trabalho é um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores empenhadas em pensar, para além do senso comum, o sistema Sexo x Gênero x Sexualidade produtor de enquadramentos (BUTLER, 2019). Mais que pensar, os textos aqui dispostos atuam numa perspectiva contradisciplinar ou contrassexual (PRECIADO, 2014).

O trabalho se divide em três grandes veredas: a primeira vereda, “Sexualidade, Narrativas e Educação”, discute a sexualidade a partir de narrativas com foco na Educação Básica. Nesse sentido, os textos falam de percepções de estudantes acerca das questões que envolvem a sexualidade, do mesmo modo que denunciam a necessidade urgente de trazer ao espaço escolar o debate da sexualidade.

A segunda vereda, “Gênero, Corpo e Dissidências”, analisa as questões do corpo e do gênero em diferentes perspectivas sócio-filosóficas, mobilizando discussões que analisam as influências da tecnologia nos debates de gênero nos últimos anos, pensando o corpo a partir de narrativas insurgentes em diálogo com a Educação, mas, também com a arte e a filosofia.

A terceira e última vereda, “Sexualidades e outros contextos”, traz reflexões sobre sexo e sexualidade, de modo que busca romper silenciamentos e apagamentos de temáticas que outrora eram tratadas pela não discussão e um não debate. Temas como o abuso sexual se encontram nesta vereda, do mesmo modo que as formas de expressão da sexualidade por homens gays também integram o caminho.

A leitora e o leitor têm em mãos um livro potente, que dispensa maiores apresentações. Fica apenas o convite para se enveredar pelos caminhos da dissidência e da resistência.

Marcelo Chaves Soares

Edmar Reis Thiengo

Organizadores

SUMÁRIO

I VEREDA - SEXUALIDADE, NARRATIVAS E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1..... 1

SEXUALIDADE ENGAVETADA NA ESCOLA: SOMOS SERES NÃO SEXUAIS?

Joel Almeida Neto
Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 2..... 15

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SEXUALIDADE E SUA DISCUSSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Lohan Galvão de Oliveira
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 3..... 33

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Jésus Gomes de Souza
Kátia Gonçalves Castor
Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 4..... 51

NARRATIVAS ADOLESCENTES: SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

Thiago Fernandes Madeira

II VEREDA - GÊNERO, CORPO E DISSIDÊNCIAS

CAPÍTULO 5..... 61

CORPOS-TERRITÓRIOS-LGBT+ NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA: IMAGENS, NARRATIVAS E (RE)EXISTÊNCIAS

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

CAPÍTULO 6..... 73

AGONÍSTICA E GÊNERO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: DOS LIVROS ÀS REDES SOCIAIS

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczek Souza
Jésio Zamboni

CAPÍTULO 7..... 90

CORPOS QUE IMPORTAM: O PROCESSO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL NA VIDA DE UMA MULHER *TRANS*

Marcelo Chaves Soares
Bianca Santos da Silva

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 8..... 100

QUANDO A ARTE TRANSGRIDE: SUBVERSÃO *QUEER*-CONTRASSEXUAL NA OBRA DE CARLOS MOTTA

Marcelo Chaves Soares

III VEREDA - SEXUALIDADES E OUTROS CONTEXTOS

CAPÍTULO 9..... 110

DO PASSIVO AO ATIVO: PARA REPENSAR AS ESTRUTURAS DISCURSIVAS DO SEXO

Marcelo Chaves Soares

CAPÍTULO 10..... 118

INDÍCIOS DE ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXÕES A PARTIR DE DIÁLOGOS COM EDUCADORES

Edmar Reis Thiengo

CAPÍTULO 11 131

CRIANÇA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Edmar Reis Thiengo

Paulo Roberto Pereira Junior

SOBRE OS ORGANIZADORES 141

SOBRE OS AUTORES 142

SEXUALIDADES EXPRESSAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UM DEBATE URGENTE

Data de aceite: 20/09/2022

Jésus Gomes de Souza

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo. E-mail: gesusjj@hotmail.com.

Kátia Gonçalves Castor

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo. E-mail: katia.castor@ifes.edu.br.

Edmar Reis Thiengo

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva – Ifes e do Grupo de Pesquisa Educação, História e Diversidades – Ifes. E-mail: thiengo@ifes.edu.br.

RESUMO: As sexualidades têm sido marcadas por estereótipos e denominações, impostos pela sociedade por meio das relações de poder que se estabelecem nos diversos espaços, incluindo os escolares. Considerando que não se dissocia a pessoa de sua sexualidade, sua presença nos espaços escolares tem evidenciado a necessidade urgente de debates. Assim, este artigo busca apresentar algumas proposições com objetivo desenvolver um processo formativo que problematize a temática de sexualidade no espaço escolar, capacitando professores para o debate sobre a temática em suas práticas educativas. Trata-se de uma investigação que

encontra sustentação teórica a partir de reflexões dos fundamentos acerca da sexualidade e da educação e no conceito de relação de poder e sexualidade. Nesse sentido, busca-se através das reflexões aqui expostas, colaborar com os debates e as práticas educativas abordem as questões sobre a sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Educação; Desigualdade; Relações de Poder.

INTRODUÇÃO

O tema sexualidade está presente em diversos espaços, ultrapassa fronteiras disciplinares, permeia as conversas e brincadeiras entre os estudantes, está presente nos filmes, livros, músicas, assim como nas danças que eles participam ou assistem. Falar sobre sexualidade, ainda nos dias de hoje, é considerado um tabu na nossa sociedade. A vergonha e o medo de abordar este assunto em casa faz com que muitas famílias não conversem sobre o tema, outra questão é achar que falar sobre isso vai estimular os filhos a iniciarem a vida sexual precocemente. Porém, em oposição a esse pensamento e diferente do que se acreditava, percebe-se que muitos pais, atualmente, reivindicam que as escolas aborde esse tema, pois encontram dificuldade de falar abertamente sobre o assunto em casa, reconhecendo, portanto, a importância dessa abordagem nas escolas. As aborgadens feitas pelos professores e professoras nas

escolas sobre o tema sexualidade, na maioria das vezes, não contempla as ansiedades e curiosidades das crianças e adolescentes, pois não inclui a dimensão mais ampla da sexualidade (BRASIL, 1997). Visto que focam em assuntos como anatomia e fisiologia do corpo humano, e assuntos como aparelho reprodutivo, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. As questões de relevância social em relação à sexualidade, como o respeito ao corpo, respeito ao outro e envolvimento em relacionamentos acaba sendo não tratado.

O desconhecimento sobre a sexualidade bem como a falta de debates sobre o tema, em relação ao seu aspecto social, tem gerado violência e colocam o Brasil no patamar de alto número de assassinatos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e intersexuais (LGBTQIA+). Segundo dados publicados no relatório de 2021, que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIA+, pela Organização não Governamental *Transgender Europe* (TGEU)¹, pelo 13º ano, o Brasil continua sendo o país onde mais se mata essa população, seguido pelo México e os Estados Unidos, de acordo com a ONG *Transgender Europe* que reportou 375 assassinatos em todo o mundo no ano passado.

Os últimos dados dos relatórios do Grupo Gay da Bahia (GGB)² do ano de 2021, revelam que 300 LGBTQIA+ sofreram morte violenta no Brasil, 8% a mais do que no ano anterior: 276 homicídios (92%) e 24 suicídios (8%). Segundo a organização, a cada 29 horas um LGBTQIA+ morre de forma violenta vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais.

A postura da sociedade conservadora em relação à temática também é outro desafio que estudiosos enfrentam, pois tentam impor suas ideias conservadoras e unilaterais sobre sexualidade, propondo projetos de lei que enfatizam, por exemplo, o ideal da família composto por um homem e uma mulher e filhos, não dando visibilidade à outras diversas formas de expressão da família e de expressões da sexualidade que podem ser diferentes do conceito binário.

É importante ressaltar que a temática da sexualidade ainda é rodeada de tabus, preconceitos, vergonha e culpa, mas também repleta de dúvidas, mitos, curiosidades e, consequentemente, manifestações por parte de muitas pessoas. Sendo assim, muitos são os desafios para se trabalhar a temática no espaço escolar. Segundo Louro (2010), em diferentes espaços, sejam eles públicos ou privados, pela afirmação ou pelo silenciamento, é exercida pela escola uma pedagogia da sexualidade que legitima algumas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Mas essa pedagogia também é praticada por demais instituições, como a mídia, a igreja, a justiça etc. seja produzindo

1. Disponível em: <https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring/tmm-resources/>. Acesso em 29 de março de 2022.

2. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em 29 de março de 2022.

discursos contraditórios ou legitimando ou coincidindo na legitimação ou negação de diferentes identidades sexuais. Louro (1992) evidencia que as escolas buscam regular e normalizar a sexualidade a partir dos processos de identificação biológica estipulada pelos corpos sexuados.

Todavia, enfatizar e problematizar a temática se torna fundamental para que as questões referentes à sexualidade possam ser respeitadas em suas diversas formas de expressão e representação, proporcionado, dessa forma, a apropriação de novos conhecimentos e a construção de relações democráticas, libertárias e multiculturais.

Uma pesquisa realizada pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), entre o final do ano letivo de 2015 e concluída no início de 2016, composta por 1016 estudantes do ensino fundamental e médio, que tinham entre 13 a 21 anos. Os estudantes participantes da pesquisa eram oriundos de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal com exceção do Estado de Tocantins.

A pesquisa teve como objetivo mapear as experiências de estudantes LGBTQIA+ nas instituições educacionais e abordou questões como a ocorrência de comentários LGBTfóbicos e sexistas; segurança, agressão e violência; políticas/disposições do regulamento escolar contra agressão e violência; sentimentos dos/das estudantes LGBTQIA+ em relação à instituição educacional e em relação a si mesmos/as no ano letivo de 2015. Nesse sentido, buscou avançar na elaboração de instrumentos que propiciem construir instituições educacionais constituídas de ambientes seguros e acolhedores para com estudantes LGBTQIA+. Para tal, inspiraram-se nas Leis nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), e no Plano Nacional de Educação (Lei nº 13005/2014), que tem entre suas diretrizes a superação das desigualdades educacionais com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação, bem como a promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos e à diversidade.

Essa pesquisa foi feita para aos estudantes no formato de questionário online, onde os mesmos respondiam sobre suas experiências na escola no ano letivo de 2015. Os questionários abordavam as seguintes temáticas: comentários preconceituosos, sentir-se (in)seguro/a, ser agredido/a e se sentir bem na escola. Também foram perguntados/as sobre suas experiências acadêmicas, atitudes em relação à escola e a disponibilidade de acolhimento de estudantes LGBTQIA+ na escola. Os resultados dessa pesquisa apontaram que 60% dos alunos se sentiam inseguros na escola por causa de sua orientação sexual; 48% ouviam com frequência comentários LGBTfóbicos feitos por seus pares; 73% disseram que foram agredidos verbalmente por causa de sua orientação sexual e 27% dos estudantes LGBT foram agredidos fisicamente por causa de sua orientação sexual.

Embora haja grande evolução em relação às discussões referente à temática e o posicionamento de subversão de grande parcela da sociedade, ainda encontramos dados de violência contra pessoas LGBTQIA+ que ocorrem com frequência como vimos na pesquisa exposta anteriormente. Todavia, vale salientar que a escola precisa desenvolver um trabalho que possa promover debates e discussão sobre as diferenças. Não é raro ver nos telejornais e nos noticiários em geral o índice de assassinato de pessoas LGBTQIA+.

Diante da realidade que a pesquisa se coloca, é preciso repensar as práticas pedagógicas que são desenvolvidas no espaço escolar. De que formas estão sendo, e se estão sendo, abordadas as questões que envolvem as minorias sexuais na escola? De que forma é possível transformar a escola em ambientes mais justos e democráticos no campo da sexualidade? Quais as implicações que a falta de debate e reflexão sobre a diversidade sexual podem causar na sociedade?

É preciso, pois, problematizar tais conteúdos no espaço escolar. Como diz Louro (2008), é necessário “estranhar o currículo”, nos questionar sobre os binarismos e a construção das verdades que são produzidas por uma política identitária, que impede construção das identidades de gênero e de sexualidade. Portanto, é necessário pensar e promover ações que construa uma educação para a diversidade com o intuito de colaborar para a formação de uma sociedade justa, onde possa ser extinta a violência, o preconceito, a discriminação e o medo de ser e expressar o lado saudável e natural de ser diferente e diverso.

QUAL A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA NO ESPAÇO ESCOLAR?

A escola tem papel relevante na promoção da socialização e na formação da pessoa. Contudo, as diferentes áreas de conhecimento não conseguem, por si só, abarcar temas transversais que deveriam fazer parte desse espaço democrático e de direito. Nessa perspectiva, César (2009) aponta ser importante a inserção de estudos e debates sobre sexualidade como importantes caminhos para as mais diversas reflexões.

Apesar dos esforços contínuos nessa linha de ação, muitas vezes sem sucesso, a escola acaba por reproduzir formas instituídas de organização social como, por exemplo, a expressão da visão heteronormativa. O espaço escolar é um espaço de humanização, que acontece a partir das relações humanas, na forma de ser e conviver. Essa formação se dá pela ação dos professores, assim como pela transmissão e apropriação de conhecimentos que possibilitam a transformação da realidade. Morin (2000, p. 11) ressalta que “Uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um dos seus componentes”. O espaço escolar tem a força de promover mudanças culturais significativas (LOURO, 1996).

Nesse escopo, Louro (1996) apresenta dicas como, por exemplo, estar atento às linguagens utilizadas a respeito da sexualidade, linguagens essas externadas em salas de aula e em outros espaços formais e não formais, acabam sendo tomadas como universais, e que acabam legitimando o que é instituído socialmente na visão heteronormativa. Como consequência, os que não se adequam a um padrão social heteronormativo podem tornar-se sem referências e “invisíveis” nesses espaços.

Em busca da promoção de mudanças culturais em relação à sexualidade, compreende-se ser necessário que os debates, no espaço escolar, dêem voz e visibilidade a todos os que sofrem desigualdades impostas por complexas redes de relações de poder existentes, construindo e desconstruindo discursos e olhares voltados para as práticas cotidianas que envolvam esses sujeitos. Sendo assim, pensando na escola como promotora de diferentes relações e que abriga variadas culturas e ideias, Bortolini (2011) aponta para a necessidade de se pensar práticas pedagógicas que possam debater questões que envolvem a sexualidade, em busca de fomentar reflexões e mudanças em prol da construção de um ambiente escolar justo e democrático, dotados de respeito e compreensão e que, a partir dessas ações, surja uma sociedade livre e humana voltada para a diversidade.

Assim, considerando a importância dos debates e estudos sobre as problemáticas que envolvem as questões da sexualidade, o papel que a Educação tem com a formação humana e social do indivíduo, a existente preocupação das interferências ideológicas como, por exemplo, os apontados por Cunha (2011), quando refere-se aos projetos ou indicações de lei, apresentados por deputados e senadores, que se exerce a pressão ideológica dos mercados sobre os currículos escolares, especialmente nas redes públicas de educação. Nesse sentido, Louro (2010) aponta a relevância de se discutir, debater e refletir sobre a sexualidade no ambiente escolar devido a sua importância na construção das identidades e reiteração ou desconstrução de normas e padrões sociais. Essas reflexões são tarefas urgentes e contínuas que corroboram com o processo educativo para a vivência da sexualidade em sua plenitude. A escola, nesse sentido, deve ser, como aponta Louro (1997, p. 57) “[...] um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permite um olhar mais crítico e reflexivo,” pois, muitas vezes, ela se torna “um lugar de práticas de desigualdades e de produção de preconceitos e discriminações”.

Percebe-se, a partir dos estudos de Louro (1996, 1997, 2010), Cunha (2011), César (2009) e Bertolini (2011), que há evidência e narrativas que envolvem a temática da sexualidade no espaço escolar, pois elas estão presentes nas mais variadas formas, algumas vezes mais expostas, outras mais tímida como, por exemplo, nas músicas, nos desenhos, textos e, principalmente, nas expressões, palavras e gestos de estudantes e professores.

Para Louro (1997), a escola, muitas vezes, delimita espaços, servindo de símbolos e códigos para afirmar o que cada um pode ou não fazer. Ao mesmo tempo em que agrega, ela também separa e institui padrões, valores e crenças. Desta forma, a escola, quase sempre, reproduz o modelo definido pela sociedade buscando instituir gestos, condutas e posturas apropriadas em busca da normatização dos corpos. Apesar de ser considerado um tema contemporâneo socialmente, ainda existe uma carência em políticas educacionais que deem a devida atenção às questões relativas à sexualidade, pois as abordagens por parte dos professores sobre a temática são, muitas vezes, feitas em uma perspectiva simplória através da disciplina de ciência, quando se estuda o corpo humano, limitando as reflexões sociais que a temática poderia alcançar. Silva e Megid Neto (2006, p. 192) apontam que isso ocorre devido que o tema sexualidade ainda gera “[...] medo, sentimentos de despreparo, vergonha, insegurança e falta de confiança”.

Apesar de a temática sexualidade ser contemporânea, ela abarca questões sociais importantes. No entanto na nova Base Nacional Comum Curricular, no nosso entendimento, ela aborda a temática de forma generalista, pois apresenta instrução insuficiente sobre a forma com que o tema será inserido nas aulas, também não apresenta de que forma será a formação dos professores para trabalhar tais conteúdos, apresentando o seguinte texto:

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira (BRASIL, 2017, p.327).

Nesse sentido, entendemos que existe a necessidade de produzir debates e reflexões sobre a temática em sala de aula, produzindo materiais e atividades em conjunto para ser desenvolvidos nos diferentes espaços escolares, que visem à promoção da equidade, na sua forma de multiplicidade das diferenças, a partir de uma educação para a diversidade, percorrendo, assim, um caminho de criação de uma escola democrática que trabalhe e lide com as diferenças sejam elas quaisquer quais forem.

Temos entendido que a ação pedagógica precisa desenvolver nos alunos um exercício reflexivo, proporcionando a análise e os questionamentos sobre sua ação diante dos acontecimentos e de sua forma de agir no meio escolar. As abordagens sobre a temática sexualidade no espaço escolar e na formação dos professores e professoras são de grande importância para evidenciar, problematizar e promover reflexão sobre a forma com que a sexualidade se manifesta e as relações de poder que permeiam todo campo social e que buscam disciplinar os corpos, mas que encontram também pontos de resistência. Para abordar a temática, é preciso que os professores e professoras estejam embasados teoricamente e preparados para abordar e discutir o tema. A partir do fazer pedagógico no espaço escolar, devem cumprir seu papel, dentro da visão histórica crítica,

e terem como objetivo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, formando sujeitos capazes de compreender que somos constituídos na existência das diferenças, de maneira a respeitá-las.

Durante muito tempo, a escola tem evitado abordar a temática sexualidade de forma contextualizada, fundamentada no conhecimento científico, devido às dificuldades encontradas por professores, seja por falta de formação, preparo e, até mesmo, tabus para tratar o assunto e as barreiras encontradas para se debater a temática como, por exemplo, as questões religiosas que acabam por interferir no debate. No entanto, verifica-se a necessidade de se inserir a temática sexualidade nas propostas pedagógicas.

Louro (2011) afirma que a instituição escolar é responsável pela fabricação de sujeitos. Significa, portanto, que a escola de forma sutil e permanente age para que corpos e mentes sejam disciplinados e atuem conforme o esperado. Dessa forma, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e em especial, de desconfiança, principalmente por parte dos docentes. “A tarefa mais urgente seja exatamente esta: desconfiar do que é tomado natural” (LOURO, 2011, p. 67).

Desse modo, a escola tem responsabilidade de tratar o tema em uma perspectiva interdisciplinar, de forma com que sexualidade seja vista em diferentes momentos e perante diversas concepções, abordando todos os seus aspectos. Diferente do que muitos pensam, à escola é um espaço onde há grande expressão da sexualidade e manifestação. Foucault (2014) entende a sexualidade como construção social, histórica e política relacionada ao poder e à regulação, com formas e variações impossíveis de serem explanadas sem examinar e explicar seu contexto formativo. Sendo assim, é necessário promover um trabalho investigativo que focaliza o docente e sua experiência, acerca da sexualidade, com os alunos e alunas com seu corpo em desenvolvimento, em um contexto pedagógico do espaço escolar, onde a temática sexualidade não foi prescrita e nem pensada, mas se faz presente no dia a dia pelas experiências que os alunos e alunas vivem e manifestam na escola.

Nesse sentido, é preciso repensar e desconfiar das práticas pedagógicas que podem ser limitadoras quando se adota o senso comum, daquilo que se é visto como natural, pois acabam por regular e limitar as escolhas e o aprendizado quanto à construção das identidades. Para Louro (2010), há possibilidades de transformações sociais opressoras quando existem ações intencionais e de iniciativas políticas progressistas, que possam transformar as estruturas de desigualdades e injustiças que parecem organizar o campo sexual.

A escola é um espaço de socialização de crianças, jovens e adultos, de diferentes classes sociais, religiões e etnias, portanto, um espaço onde se vivenciam as diversidades, onde é oportunizado o desenvolvimento das habilidades intelectuais, sociais e psicológicas. Assim, é um importante meio de execução de políticas públicas de maior relevância na

constituição de subjetividades.

A temática sexualidade passou a ter certa evidência dentro da escola ao ser incluída como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nesse sentido, a escola pode atuar na busca de resistência e mudança, de forma crítica e com consciência política, possibilitando aos estudantes a reflexão sobre as construções históricas que privilegiam uns em relação a outros.

Quando problematizamos as questões referentes à sexualidade acabamos, de certa forma, colocando em evidência os engendramentos dos regimes discursivos em relação às sexualidades. É necessário, portanto, pensarmos em algumas possibilidades para a produção de resistências a dispositivos de controle que refletem processos de assujeitamento dos corpos à matriz heteronormativa.

O QUE SE FALA SOBRE A TEMÁTICA?

A sexualidade faz parte da nossa vida e está além das definições preestabelecidas relacionadas ao ato sexual. Segundo Foucault (1988), a sexualidade é entendida como um dispositivo relacionado ao tempo, à história:

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder tentar pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Para Foucault (1988), a sexualidade deve ser compreendida como produção histórica, que é concebida a partir das relações sociais e políticas, deixando de ser privada e pessoal em determinado momento da história da humanidade e para a qual confluem relações de poder. O sentido a qual Foucault (1988) atribui à sexualidade faz com que ela deixe de ser vista como simplesmente algo natural e passe a ter uma dimensão mais social e política, além de um caráter construído (LOURO, 2010, p.29).

Louro (2010) aponta que é preciso considerar que a sexualidade está muito além das definições preestabelecidas, abrangendo rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções. Dessa forma, não está relacionada apenas a algo natural, pois são processos culturais e plurais (LOURO, 2010). Sendo assim, a sexualidade precisa ser vista como algo natural aos seres humanos porque está enraizada em nós, pois nascemos seres sexuais, mas, também, precisa ser compreendida a partir da construção de um processo histórico, político e socialmente construída, porque é a partir das relações sociais em que se desenvolve a cultura, com valores regidos por distintas relações de poder.

Para Louro (2011), não existem conceitos fechados e estagnados, esses conceitos estão em constante diálogo com o momento. A sexualidade é construções sociais e históricas, estão relacionadas ao período histórico de uma determinada sociedade,

sofrendo influência da cultura presente. Louro destaca que:

O tema “gênero e sexualidade” geralmente nos fascina, nos provoca curiosidade e está por toda parte. Falar sobre prazer, desejo e amor pode ser ótimo e discutir como se experimentam todas essas coisas quando se é uma mulher ou um homem, quer dizer, discutir se há distinções e aproximações nas experiências ou nas vidas dos sujeitos masculinos e femininos também costuma provocar discussões acaloradas e instigantes; mas, quando temos de encarar esses temas em nossa posição de educadoras e educadores, as coisas parecem se complicar (LOURO, 2011, p. 64).

Esse apontamento deixa claro que a temática desperta o interesse das pessoas em situações diversas, nos jornais, revistas, nos programas de humor, novelas, filmes e outros tantos programas de televisão. Apesar disso, quando é necessária a abordagem da temática no espaço escolar com os docentes, e quando há necessidade de posicionamento dos mesmos em determinada conjuntura, a situação se torna mais complicada.

As construções acerca da sexualidade são vista por Foucault (1988) como algo que vai além das concepções dadas pela construção biológicas e naturais. Para ele, a sexualidade deve ser vista como um produto do encadeamento das relações de poder que buscam estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e, conseqüentemente, das resistências (FOUCAULT, 1988, p. 116).

Para Foucault (1988), o poder esta relacionado a:

Multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte, os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esforço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formalização de leis, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1988, p. 102-103).

Nesse sentido, o autor nos aponta que o poder não se resume em uma única ação ou força, sendo algo complexo que se estabelece nas relações sociais, sendo necessário observá-lo como “uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade” (FOUCAULT, 2004, p. 29).

Foucault (1988), afirma que o poder não é concebido e exercido por uma classe ou grupos exclusivos, que utilizam desse dispositivo a fim de dominar o outro que é visto como proletariado, dominado e subjugado. O poder não é algo que interfere na vida dos indivíduos de cima para baixo, mas sim de forma circular e ascendente. Segundo o autor, para se debater e entender o poder é necessário deixar de lado a soberania do Estado, as instituições e aparelhos que exercem ou isso seria nada mais do que o final do processo “A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado,

a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais” (FOUCAULT, 1988, p. 88).

Nesse sentido, percebemos que o poder está centralizado em diferentes e múltiplos focos, não emanando de apenas um núcleo. O poder, então, é exercido por diferentes autores, que não planejam e articulam para praticá-lo. Dessa forma, o poder não é pré-estabelecido, mas se lança a partir de distintos e múltiplos sentidos. Sendo assim, o poder se fragmenta e se contradiz adquirindo relações em variadas escalas e hierarquizações. Portanto o poder não é algo que adquirimos, mas é inerente, pois, “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988, p. 89).

O poder é, dessa forma, naturalmente um instrumento de contra-ataque, que se expressa de forma sutil. O poder não pode ser concebido como um objeto, uma coisa que se possa alcançar, pois ele não existe. É uma questão relevante, não sendo possível a sua forma na materialização de um desejo. Foucault (1988) reitera ao afirmar que “o poder não é uma instituição, uma estrutura, uma lei universal: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p. 89).

Servido de ataque e contra-ataque, o poder não favorece apenas a um determinado grupo, ele é a relação de diferentes forças complexas que se chocam em momentos de tensão, não possuindo uma direção, mas se articula de distintos sentidos e lugares. Portanto, o indivíduo é ao mesmo tempo receptor e emissor de poder.

[...] Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação, não haveria de forma alguma relações de poder. [...]. (FOUCAULT, 1984, p. 277).

As relações de poder perpassam e se apresentam em todas as dimensões e classes da nossa sociedade, as relações que permeiam desde as instancias mais simples também as mais complexas, pois esse poder não se estabelece de forma material ou imaterial. Essas relações convocam todos os acusados a se expressar, mostrando que o poder transita em uma dinâmica de movimento em todas as esferas, não havendo um núcleo gerador, atravessando as relações que se conectam em diferentes momentos, não permanecendo paralisado. As relações de poder nunca favorecem apenas um grupo ou classe social, ela perpassa todas as dimensões sociais, acontecendo ao mesmo tempo e se manifestando de forma estratégica um contra-poder que se expressa em um contra-ataque de intensidades diferentes ou não.

Machado (2004) destaca que:

O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma "positividade". E é justamente esse aspecto que explica o fato de ele ter como alvo o corpo humano, não para suscitá-lo, adestrá-lo. Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua força repressiva (MACHADO, 2004, p. 172).

Machado (2004) chama a atenção para os dispositivos de poder que são usados e por quais meios de discurso à sexualidade pode regular o indivíduo. Nesse sentido, o autor reitera o que diz Foucault (2004) quando coloca que o poder não se expressa como algo repressivo ou violento apenas, mas como algo positivo, pois segundo Foucault (2004):

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele "exclui", "reprime", "recalca", "censura", "abstrai", "mascara", "esconde". Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2004, p. 189)

Para o autor, os termos negativos como silêncio e censura são uma produção discursiva, mas que ao mesmo tempo intensificam a sexualidade. Por meio do discurso a sexualidade é instigada e expressada.

Os estudos de Foucaultianos (1985, 1988, 1998) sobre a sexualidade apontam que nos últimos séculos se tem produzido de forma massiva os discursos sobre o sexo e a sexualidade, ao contrário de uma repressão da sexualidade.

A sexualidade, vista como um dispositivo de controle dos corpos, ela foi analisada e estudada nos mínimos detalhes, em todas as suas vertentes, Segundo Foucault (1988 p. 150), "[...] foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância; tornou-se a chave da individualidade". Dessa forma, houve grande proliferação de discursos sobre o sexo, se tornando objeto de análise e estudos de diferentes áreas científicas como, por exemplo, da medicina, psiquiatria e da pedagogia. As relações de poder que perpassavam a questão sexual e que tinham foco na aliança matrimonial, nos laços e na oficialização de uma parceria, nos últimos séculos se projetam sobre o corpo, sobre o prazer e suas manifestações.

Discursos sobre o corpo e sobre a afetividade são propagados todo instante, tanto sobre os homens, quanto sobre as mulheres, essas ainda são subjugadas pelo seu papel de mãe. Em relação à sexualidade infantil, ela é vista como precoce, tornando-se alvo de estudos pedagógicos, já o sexo e a reprodução passaram a ser objeto de políticas públicas, de saúde e populacional, e para descrever os comportamentos sexuais a psiquiatria criou uma série de categorias, conceitos e nomenclaturas específicas. Dessa forma, constatamos que a rede de poder que perpassa a sexualidade seria fundamentada, não em um movimento de repressão, silenciamento e invisibilidade. No entanto, a rede de poder faz com que se conduza um fortalecimento e subversão, num processo positivo,

dinâmico que produz discursos comportamentos.

Portanto, ao falarmos das relações de poder e das práticas discursivas que a envolvem, precisamos nos atentar não apenas às relações de dominação, mas das possibilidades de resistência. Bourdieu (2003, p.31) aponta que os sujeitos estão submetidos a “estruturas históricas de ordem masculina”, quando procuram “[...] para pensar a dominação masculina, os modos de pensamento que são eles próprios produtos de dominação”. Entretanto, quando existem reflexões das estruturas discursivas dominantes, essas desenvolvem pontos que propiciam os canais de fuga e de resistência, possibilitando transformações.

A sexualidade está diretamente ligada às identidades. Para Hall (2006), as questões que envolvem a construção das identidades dos sujeitos e sua subjetividade estão diretamente ligadas a sua sexualidade. Muitas atitudes e conflitos vividos no espaço escolar podem ser explicados a partir da análise das identidades. Com base na observação e nos estudos das identidades, podemos esclarecer muitos dos comportamentos, atitudes e conflitos vividos dentro do espaço escolar e também fora dela. Tais situações devem ser entendidas a partir de novos paradigmas das subjetividades de professores e alunos.

Nesse sentido, Hall (2006) revela a importância desse conceito para que compreendamos melhor a relação das identidades e da sexualidade. Segundo ele, as identidades se determinam pela diferença, por meio dos símbolos concretos identificamos os sujeitos nas relações sociais como, por exemplo, reconhecer um homem ou uma mulher por suas características culturais e sociais. Nessa mesma perspectiva, Hall (2007) aponta que só construímos nossa identidade a partir de outras identidades que se diferem da nossa, ou seja, do “outro”. Apesar de muitas vezes quisermos eliminar o “outro”, o mesmo nos ajudam na construção da nossa própria identidade.

Silva (2007) ressalta que a identidade é o resultado de um processo de construção que não realizamos de forma totalmente autônoma, sozinhos. Identidade sempre é relacional, depende do diferente, do outro, da divergência, para que saibamos quem somos. As identidades só podem adquirir sentido através da comunicação que já existia antes de nossa existência.

A diferença está relacionada com o termo identidade, no sentido de que é uma forma de marcar nossa presença e afirmar quem somos. Ao discutir esse conceito, o autor explica que “a diferença é como um produto derivado da identidade. A identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença” (SILVA, 2000, p. 76). Nesse sentido, a identidade é marcada pela diferença do outro e pela singularidade dos iguais. Dessa forma, a identidade é uma construção social e simbólica e os esforços para afirmar uma ou outra identidade ou diferenças resultam em consequências materiais.

A forma como nos identificamos está vinculada as diferentes relações que temos com a cultura, nos identificamos como brasileiros, negros, brancos, mulatos, pardos ou amarelos; se somos altos ou baixos; se torcemos pelo Flamengo ou pelo Corinthians; se sou homem ou mulher; se sou professor ou estudante. Dessa forma, percebemos como a cultura na qual estamos inseridos interfere no jeito de nos identificarmos, ou seja, a construção da nossa identidade é um processo cultural, mas que é construída a partir de processos históricos, políticos e econômicos que forjaram as formas com as quais constituímos as nossas identidades, que são mutáveis a partir de nossas relações. Dessa forma, podemos entender que a identidade não é natural ou determinada por algum componente genético.

Nesse sentido, diferença e identidade são vistas por Silva (2000) como processos mutuamente determinadas. São criados e desenvolvidos pelo ser humano “não podem ser compreendidos fora do sistema de significação nos quais adquirem sentido” (SILVA, 2000, p. 78). Não são a identidade e a diferença processos naturais, mas, sim, desenvolvidos a partir da cultura. Há, portanto, um grande desafio de se viver com o diferente. É necessário que compreendamos que aquele diferente só é diferente porque determinamos, a partir da nossa cultura e formação, essas diferenças.

Dessa forma, essas fragmentações interferem nas identidades que estão no cotidiano escolar. Quando nos referimos às questões que envolvem a sexualidade, devemos compreender que ela está inserida em um universo carregada de significados. Hall (2007) aponta que a identidade não é algo estático, mas se modifica a partir da interação com diversos sujeitos, discursos e práticas a qual somos interpelados a assumir diferentes posições identitárias das quais os espaços sociais nos exigem. Dessa forma, as identidades podem mudar dependendo da posição que assumimos como sujeito, percebendo que essas posições são mutáveis e instáveis. Nesse sentido, Hall (2006) aponta que é preciso relacionar identidades como sendo móveis instáveis e múltiplas, características abordadas nos últimos séculos.

Identificamos a partir dos apontamentos de Hall (2006) e Silva (2000) que há impossibilidade de se estabelecer um único conceito em relação às identidades. Da mesma forma, não acontece posturas neutras dos professores, pois também eles são entrecruzados por essas multifacetárias identidades ao longo de sua existência. Assim sendo, não podemos conceber uma única forma de olhar para as questões que envolvem a sexualidade no espaço escolar, mas devemos considerar as diversas formas de abordagens. É preciso, no entanto, compreendermos que as identidades são de natureza fluida e cultural e historicamente construída, ultrapassa concepções essencialistas, como aponta Louro (2007, p. 12), pois “somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural”.

Assim, as identidades se constroem por meio da diferença e não fora dela, por diferentes práticas discursivas e discursos produzidos e reproduzidos nas mais variadas instâncias de poder, em contextos históricos específicos. Assim, é fundamental que se considere essas relações e as diferentes práticas e estratégias envolvidas, nas quais o “objetivo” é sempre a marcação da diferença. É nessa marcação, como define Hall (2006, p.109), que incide o artifício sucessivo e mutável de construir as identidades dentro da discursividade:

Nesse contexto, não podemos desconsiderar que é no viés cultural e histórico que as identidades sociais se definem, justamente porque elas nos constituem como seres humanos históricos e sociais em uma sociedade em constante transformação. Por essa razão, faz-se necessário considerar a sexualidade como um elemento básico da individualidade que determina no indivíduo um modo particular e individual de ser, de manifestar-se, de comunicar-se, de sentir-se e de expressar-se.

Dessa forma, o conceito de identidade tem uma relação direta com a noção de pessoa, ou seja, nessa noção estão revestidos direitos, religiões, costumes e papéis sociais. Afinal, o que esses referenciais sobre identidade e sua relação com a questão da sexualidade apontam é que, quando nos dispomos a discutir a produção do conceito de sexualidade ou “das sexualidades” não estamos apenas incluindo matéria informativa no currículo escolar, mas como ela está imbricada com a legitimidade de poder. Assim, não é apenas decidir quando e quem deve repassá-la a futuras gerações. Deveríamos pensar que tal ação legitima uns e excluem outros de algum modo, se fizermos uma análise dos processos sociais mais amplos.

Os processos de uma mudança cultural, em relação ao comportamento e à sexualidade, tiveram início na década de 60. Alguns movimentos foram importantes para essa mudança, entre elas as que mais contribuíram para essas foram os movimentos feministas e o movimento gay e lésbico. Esse processo de transformação do comportamento ainda ocorre até os dias atuais e que trazem consigo algumas contradições. No mesmo instante que vemos o fortalecimento da diversidade sexual diversificada e menos rotulada, por outro lado se reforça atitudes preconceituosas, muitas vezes violentas e até discriminatórias, que partem do conservadorismo de alguns grupos e instituições. Toda mudança desperta embates entre o novo e o conservador, o aumento das conquistas dos direitos também provocam a repressão e o preconceito por parte de diferentes esferas da sociedade, em diferentes momentos e lugares.

O QUE É NECESSÁRIO PARA QUE A TEMÁTICA FAÇA PARTE DO ESPAÇO ESCOLAR?

O papel formativo que a escola desempenha tem uma grande responsabilidade

de superação dos preconceitos e na defesa dos direitos humanos. Segundo Campos (2004), é preciso pensar em um processo de formação de docente em que estes possam contribuir para as reflexões de subsídios que ancoram as políticas educacionais voltadas à sexualidade. É necessário considerar que os debates, as problematizações e reflexões feitas no espaço educacional em relação à sexualidade, implicam em uma redução que envolve os sujeitos na sua individualidade, seus valores e comportamentos, visto que a sexualidade faz parte de um terreno híbrido entre o pessoal e o social, ela está inserida de forma enigmática e emaranhada onde se articulam o ser e o existir individual e o coletivo de cada um de nós, portanto é preciso refletir sobre tais questões e se libertar dos tabus, preconceitos e dogmas, que estão presente nas complexas relações a qual estamos inseridos. Nesse sentido, a forma com que a escola se coloca diante das questões sobre a sexualidade e da diversidade sexual expressada por seus diferentes agente precisam ser formas que promovam o aprendizado, a autonomia e a crítica sobre o mundo, para que ocorra esse processo que as práticas pedagógicas adotadas colaborem para as reflexões críticas do universo que vivemos.

A escola é formada por diferentes autores, os alunos, professores, funcionários, mães e pais, que vivem e expressam sua sexualidade. Entretanto, o espaço escolar muitas vezes não é visto como um lugar onde a sexualidade não deva ser expressa ou discutida. Mesmo não expressando de forma direta, na verdade, ela fala o tempo todo sobre sexualidade. Segundo Foucault (1988), a maneira com que as salas de aula são organizadas, as regras adotadas para a vigilância, os arranjos dos pátios, os esportes nas aulas de Educação Física atribuídos a meninos ou meninas, as filas de meninos e de meninas, são formas de controle de comportamento, como por exemplo, meninos não poderem usar brinco nem cabelo comprido, e a forma com que os professores tratam de forma diferenciada os alunos e alunas, tudo fala silenciosamente da maneira mais prolixa da sexualidade.

Sendo assim, é necessário promover um trabalho investigativo que focaliza o docente e sua experiência, acerca da sexualidade, com os alunos e alunas com seus corpos em desenvolvimento, em um contexto pedagógico do espaço escolar, onde a temática sexualidade não foi prescrita e nem pensada, mas se faz presente no dia a dia pelas experiências que os alunos e alunas vivem e manifestam na escola.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais**. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf> acesso em 28/06/2020

BORTOLINI, Alexandre; **Diversidade sexual e gênero na escola. Dossiê: Homofobia, Sexualidade e Direito.** Revista Espaço Acadêmico, n. 123, 08, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, M. E. C. Base nacional comum curricular. Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAMPOS, Alexandre Cândido de Oliveira. **Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos.** Cad. Pesqu. 34(123), 730-734, 2004.

CÉSAR, M. R. de A. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”**, Educar, Ed.UFPR, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

CUNHA, Luiz Antônio. Contribuição para a análise das interferências mercadológicas nos currículos escolares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 16, núm. 48, p. 585-607, set./dez. 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de Saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III. O Cuidado de Si.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão Técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber.** Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. (2004). **A ética do cuidado de si como prática da liberdade** [Entrevista a H. Becker, R Former-Betancourt, & A. Gomez-Müller em 20 de janeiro de 1984]. In M. Barros da Mota (Ed.), **Ditos e escritos V** (E. Monteiro & I. A. D. Barbosa, Trads.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1984.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder.** In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

Grupo Gay da Bahia, Mortes violentas de LGBT+ no Brasil : relatório 2021 / José Marcelo Domingos de Oliveira, Luiz Mott (organizadores).-- 1. ed. -- Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em 29 de março de 2022.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 103 a 133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós- estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. et al. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Prosições, vol.19, n.º.2, Ago 2008, pp.17-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> - Acesso em: 7 mai. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em revista, número 46, dez 2007, pp.201-218. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46> - Acesso em: 7 mai. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.6, p.53-67, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade**. Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente. v. 3, n. 2, jan./jul., 2011.

MACHADO, Roberto. **“Introdução: Por uma genealogia do poder”**. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 20ª ed., Rio de Janeiro: Graal, [1979] 2004, p. VII – XXIII.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo, Cortez, 2000.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos**. In: Maia, A.C.B.; Maia, A.F. (ORG). Sexualidade e Infância. Cadernos CECEMCA (1) (pp.17-32). Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectivas dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Editora, 2000.





SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da & Megid Neto, Jorge. (2006). Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, 12(2), 185-197.

TRANSGENDER EUROPE. Transrespect versus transphobiaworldwide new (TvT). TMM Update – TransDay of Visibility 2021. Disponível em: <https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring/tmm-resources/>. Acesso em 29 de março de 2022.

GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br







Atena
Editora
Ano 2022



GÊNEROS E SEXUALIDADES

em veredas dissidentes
e resistentes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

